

BARRENO, Maria Isabel — **De Noite as Árvores são Negras**
(romance). Lisboa, Publicações Europa-América, 1968.

O último decênio assistiu em Portugal ao florescimento da literatura de origem feminina. Ele foi, porém, não o lugar de uma geração de autores mas o da geração da suas obras. Dizer no entanto *literatura feminina* é talvez integrarmo-nos logo à partida num processo algo discriminatório. Não existe literatura feminina enquanto tal, assim como não existe a masculina. A literatura, enquanto fenómeno de cultura, é um ato sem sujeito, o lugar onde as palavras se recompõem na sua natureza de signos. Maria Isabel Barreno parece aliás reconhecê-lo numa breve entrevista publicada no suplemento literário do jornal *Diário de Lisboa: um livro é um fruto de muito homens que se gera num só: a criação é obra colectiva e demorada*¹.

O que sem dúvida nos parece aqui importante é o facto de a mulher, como sujeito e objeto da narração, ter vindo a assumir uma independência não ainda atingida entre nós. Trata-se isto no entanto de um acontecimento que seria errado cingir a essa literatura de origem feminina. Ele é um fenómeno que nitidamente a ultrapassa para se ir inscrever numa ordem geral bem mais rica de implicações. E é também por isso que o seu significado claramente transcende esse fenómeno cultural em que quase por hábito o encerramos. Ele é o reflexo, a nível de cultura, de um tipo de evolução a que caricaturalmente se tem chamado a “independência” da mulher. Independência que — a aceitarmos esta pobre designação — a tornou portadora de um tipo de preocupações e experiências de que a literatura foi um dos lugares da sua expressão possível.

Lembramo-nos dos livros de Maria Judite de Carvalho, de Fernanda Botelho, de Isabel da Nóbrega, de Natália Nunes, de Yvete Centeno e de muitos outros que seria longo e inútil enunciar. Resta-nos agora acrescentar o belo livro de Maria Isabel Barreno de que apressadamente iremos falar.

* * *

Fundamentalmente, cinco personagens o articulam. Henrique e Luiza (casal pequeno-burguês); Amélia (adolescente filha de ambos); Helena (irmã de Luiza); e Octávio (marido de Helena).

Henrique é um diretor de empresa, empenhado numa luta de conquista de poder, mesquinha e vulgar, para quem a mulher é um objecto de adorno, uma peça útil para a sua necessária estabilidade: *quando ela se curva para apanhar a roupa suja que deixou pelo chão*. Luiza

(1) D. Lisboa, 24-10-68.

aceitou essa sua condição de adorno. Para ela a vida é o amor a Deus e à família, o respeito pelo marido que é mais fácil aceitar do que contestar (*tenho a presença certa de Henrique, o seu gosto pela casa, o nosso amor por Amélia*) e as reuniões mundanas cheias de pessoas importantes que ela não entende mas para quem é necessário ser amável: *gosto de os ouvir dizer “esta torta está muito boa”, e é inesperado que aquele senhor que sabe o que se passa no govêrno francês saiba também apreciar a minha torta.* Amélia é sem dúvida a personagem central, representativa de uma geração que já recusou todo o universo mesquinho dos pais mas não sabe ainda como organizar toda a revolta que lhe coube: *nós rimos, no colégio, no caminho para casa, à tarde, “quando formos crescidas”, imaginamos, e rimos, porque nunca seremos como êles, e é engraçado pensar que um dia tomaremos os seus lugares, iguais ao que somos-agora, e encheremos o mundo de surpresas.* Ela anuncia sem dúvida essa geração única que, em França, ergueu como sua sigla perfeita a frase *l’imagination au pouvoir.* Amélia é um fruto que cresceu para além da árvore, que é impossível enquadrar no mundo organizado dos pais. Toda a sua revolta nasce como se ela quase não desse por isso, ultrapassa-a, confunde-a: *há fraquezas, receios, lutas, ataques e defesas, linguagens distintas que ainda não aprendi.* Na morte do pai, no final do livro, ela não terá lágrimas nem faces pálidas porque, de tudo o que se lhe apresenta, ela apenas julga *assistir ao enterro de um mundo podre.*

Helena é a irmã mais nova de Luiza. Ela é a confidente de Amélia, a tia cujas atitudes, pelo seu distanciamento, já conseguem escandalizar os pais. Mas Helena não tem ainda a força de Amélia e por isso acabará cilindrada pelo meio que julgava recusar: *de mim sobra sempre a maior parte.* O seu casamento com Octávio será, como ela própria diz, uma fabricação amável dos sentimentos com que dia a dia êles próprios se presentearão.

Octávio é um expectador. Marido de Helena e funcionário na empresa que Henrique dirige, êle sentirá sempre a garra enorme daquela família que o recusa mas simultâneamente se esforça por aceitá-lo por razões de conveniência. O prestígio de Henrique não poderia ser abalado, dentro da própria empresa, por um cunhado que não pudesse ser exibido como uma preciosa aquisição. No fim, será êle que, como expectador, os resumirá a todos: *qual é o salário da libertação? — Henrique esmera-se a desenhar o pai como justiceiro incompreendido de quem herdou o direito a um lugar de chefia — o direito ao massacre, “não o posso acusar de nada de concreto; mas a presunção é uma culpa. Ele era um incapaz, a facilidade com que o venci bem o prova” — Henrique raciocina e argumenta com uma honestidade cada vez mais pessoal, encoraja Luiza na sua religião feita de senhoras exclamativas — perante os arranjos caseiros, e os vestidos, e os pobres, e os comportamentos alheios, Luiza definitiva nas atitudes paradas — e recebe Amélia, com o temor revoltado dos pais ao verem os monstros saídos de sua carne.*

Além dêles aparece-nos, ainda, fugidamente, uma Madalena, amante e secretária de Henrique, e um outro seu funcionário que inicia o livro e o encerra também com esta síntese:

Ele morreu, um homem importante; não tenho pena; não quero recordá-lo, como muitos se apressam a fazer, transformado em bom

homem, de gestos generosos. Era por exibicionismo que se aproximava dos seus inferiores; tenho razão em recordar como uma afronta, sempre, a boleia que um dia me concedeu, no seu carro; e a ligeireza com que tratou um miúdo que vendia revistas. A família é esquisita, também. O cunhado não veio, a cunhada deve ser meio desparafusada, como já me tinham dito, a filha entretém-se a olhar em volta como se estivesse no circo; a viúva, essa muito chorosa, tem um casaco de peles.

* * *

Mas para além das personagens existe o livro, êsse texto fluido, compacto até à exaustão, de uma beleza informe, todo êle articulado em longos monólogos ou sincopados e breves diálogos. Todos os personagens se exprimem na primeira pessoa mas de forma não identificada. Será o leitor que terá de reconhecê-los através de tudo o que no-los referencia, as idéias, as relações de parentesco, a própria forma de expressão e desenvolvimento do seu pensamento. Luiza, por exemplo, exprime-se dificilmente, em frase curta, as idéias arrastam-se. Ela é sem dúvida a mais pobre e a mais mesquinha de todos. É uma *estória* de devoção a sua — e de sofrimento, de um contínuo e rasgado sofrimento que ela própria cultiva. Amélia, contrastando com a mãe, fonte contínua, lúcida até ao terror e ao abismo. De tôdas as mulheres do livro é Amélia a única que se tornou consciente de todo o sistema que a obriga a pensar como *mulher*. Êsse sistema que lhe dita o que ela deve e não deve fazer, que lhe mostra o resignado e silencioso sofrimento como sua primeira circunstância de mulher. É por isso que Amélia se encaminhará decididamente para a transgressão, para o estilhamento dêsse sistema absurdo que a limita e com que a limitam. Só dessa forma ela poderá um dia deixar de pensar como *mulher*.

Se anotarmos o número de monólogos que cabem a cada um dos personagens, poderemos aliás curiosamente verificar que êles decrescem pela ordem de valor e importância de cada um dêles. Assim, Luiza intervirá 27 vêzes, Henrique 2, Helena 19, em contraste com Amélia e Octávio que intervirão respectivamente por 16 e 13 vêzes.

Evidentemente que esta classificação poderá ser arbitrária. Não o sendo, porém, ela mostrar-nos-á que foi intenção da autora uma mais perfeita caracterização dos personagens facilmente tipificáveis. Na verdade, Luiza e Henrique fazem ainda parte do nosso universo quotidiano, dêste mundo que morre perante o olhar indiferente mas interiormente forte de Amélia. Encontramo-los diariamente envoltos na sombra de um passado que êles próprios não sabem já como realmente fixar. Amélia é ainda a pequena raiz que emerge dêsse passado legendário mas com o qual ela não sente o mínimo gesto de ligação. Amélia é o tempo novo, a transição. Por ela as *árvores brilharão na noite*.

Não esqueçamos no entanto êsse pequeno funcionário da empresa de Henrique que inicia e fecha as trezentas e catorze longas e compactas páginas dêste livro. Êle intervirá apenas cinco vêzes. Está do lado de fora mas não apenas como expectador. É através do seu olhar e das suas palavras que êste romance de uma família se institucionaliza como romance de uma classe.

Vale a pena ler êste livro. Maria Isabel Barreno nêle retém vinte e nove anos de uma experiência funda e criadora. E se bem que a sua expressão seja mais espontânea e improvisada do que pròpriamente construída, ela é sem dúvida fortemente reveladora de uma personalidade que ficaremos a respeitar. E a literatura que teve a fôrça suficiente para criar e fazer nascer tal personalidade é certamente tão viva quanto ela própria.

NELSON DE MATOS